

4 A GRAMÁTICA DE DAMOURETTE E PICHON COM LACAN: UMA PROBLEMÁTICA DA ENUNCIÇÃO

Bruno Focas Vieira Machado¹

RESUMO

Esse artigo pretende evidenciar a importância específica conferida à gramática *Des mots à la pensée: Essai de grammaire de la langue française* de Damourette e Pichon, para se pensar as bases lógicas do conceito de *enunção*. Para cumprir esse objetivo, coloca-se a obra dos gramáticos em diálogo com elaborações da psicanálise, mais especificamente com conceitos de Jacques Lacan trabalhados no Seminário 6 *O desejo e sua interpretação* e seu conceito tardio de *alíngua* construído a partir do Seminário 20 *Mais, ainda*. Busca-se, assim, uma interface entre os campos da linguística e da psicanálise, debruçando-se sobre a dicotomia existente entre os conceitos de *sujeito da enunção* e *sujeito do inconsciente*. A abordagem tecida é eminentemente teórica, confrontando conceitos de cada pensador e buscando compreender os seus respectivos pontos de interseção. Para atingir esse objetivo, buscou-se o estudo sobre a *negação em língua francesa* elaborada pelos gramáticos Damourette e Pichon e colocou-a em relação com a dicotomia *enunciado-enunção* construída por Lacan principalmente no Seminário 6 *O desejo e sua interpretação*. Como conclusão, torna-se claro como a gramática é inevitavelmente atravessada pela subjetividade e pelos fenômenos enunciativos.

Palavras-chave: Sujeito, enunção, linguagem, inconsciente, negação.

1 GRAMÁTICA DE DAMOURETTE E PICHON EM RELAÇÃO COM A OBRA DE LACAN

A obra *Des mots à la pensée: Essai de grammaire de la langue française*² constitui uma vasta gramática redigida a quatro mãos por Jacques Damourette e Edouard Pichon. Consiste em sete extensos volumes que, segundo as informações colhidas por Arrivé (1999), formam um compêndio gramatical de uma amplitude

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras UFMG. E-mail: b_machado@uol.com.br

² Tradução nossa: Das palavras ao pensamento: ensaio de gramática da língua francesa.

que nenhuma outra língua além do francês jamais motivou. Cada um desses sete volumes está repleto de exemplos retirados do cotidiano, da literatura, de libretos de ópera, de diversos momentos diacrônicos da língua francesa, ainda exemplos retirados da correspondência pessoal e da instrução de uso de aparelhos domésticos. Esse estilo carnavalesco e heterogêneo é coroado com um glossário dos termos específicos. Damourette e Pichon trabalharam intensamente nos volumes da gramática a partir de 1911, sendo que ambos viveram até a publicação do quinto volume.

Damourette e Pichon, respectivamente tio e sobrinho, foram uma dupla de gramáticos franceses que, a despeito de sua franca e eminente preocupação com os fatos mais propriamente da gramática, tais como a tripartição pessoal e o discordancial em língua francesa, foram também linguistas membros da Sociedade de Lingüística de Paris e, no caso específico de Pichon, igualmente um psicanalista. Na quinta lição do Seminário 6 *O desejo e sua interpretação*, Lacan se refere a Pichon como “um de nossos psicanalistas primogênitos.” (LACAN, 2005, p. 58) De fato, Edouard Pichon foi o primeiro linguista a se tornar psicanalista. De acordo com os suscintos dados bibliográficos levantados por Arrivé (1999), o tio Damourette, um filólogo, e o sobrinho Pichon, psiquiatra e psicanalista, faziam parte da Sociedade de Lingüística de Paris e ali trabalhavam ativamente. Colaboraram também para a revista *Français Moderne*, que naquele tempo era um esboço de revista de lingüística francesa e Pichon publicou no *Journal de Psychologie* o artigo “A lingüística na França”. Ressalta-se o fato de que o termo *psicologia*, na época de Pichon, ainda não se referia à ciência da psicologia como se entende nos dias de hoje, sendo um termo amplo e difuso para se referir ao campo psíquico. Pichon, dessa forma, publica um texto de lingüística em um jornal que, segundo o título atesta, se ocupa das questões do psiquismo, sendo um pioneiro na interface entre lingüística e psicanálise. Pioneirismo semelhante também pode ser tributado aos gramáticos no que se refere à problemática da enunciação nos fatos de linguagem.

De acordo com a pesquisa levantada por Arrivé (1999), é relevante a informação de que Lacan e Pichon se conheceram e mantiveram relações, sendo o segundo um mestre a ser respeitado pelo próprio Lacan. Isso dá uma tonalidade e peso diferentes na relação de Lacan com o eminente gramático, se comparada com

a relação do mesmo Lacan com Freud, inteiramente mediada pela obra do pai da psicanálise. De acordo com o que se sabe e se tem registrado, Freud e Lacan jamais se encontraram pessoalmente. No que se refere aos aspectos da gramática de Damourette e Pichon adotados por Lacan, é possível se destacar a teoria da *pessoa gramatical* e a análise da negação em francês, sendo dessa última que Lacan buscará o conceito de *forclusão* para traduzir o termo freudiano *Verwerfung* e especificar o funcionamento do inconsciente na psicose. Esses dois aspectos da gramática de Damourette e Pichon incidem em Lacan sobre o mesmo ponto, como atesta Arrivé (1999) e a leitura do seminário 6, *O desejo e sua interpretação*, esclarece e evidencia: a questão e a problemática sobre o *sujeito da enunciação*.

Jacques Damourette, nascido em 1873, estudou arquitetura, mas, por limitações de saúde, não exerceu a profissão e se ocupou exclusivamente da lingüística. Édouard Pichon, seu sobrinho 17 anos mais novo, estudou medicina, se especializou em psiquiatria e teve contato com a psicanálise. Logo, não é por acaso que Lacan parece ter um reconhecimento maior por Pichon do que por Damourette. Um exemplo muito notável desse fato pode ser encontrado no Seminário 3 *As psicoses*, na vigésima segunda lição. Lacan inicia sua lição evocando a gramática de dupla autoria de Damourette e Pichon, mas todos os seus posteriores comentários se focam exclusivamente no nome de Pichon. No início da lição número dezoito, Lacan, ao evocar a oposição entre pensamento e palavra, comparando-a com a oposição entre significante e significado, assim se expressa: “Alguém, um gramático sensacional, fez uma obra notável, na qual há apenas um erro, seu infeliz subtítulo, *Das palavras ao pensamento*” (LACAN, 1985, p. 253). É curioso constatar que Lacan se refere à obra *Das palavras ao pensamento*, trabalhada e redigida a quatro mãos por Damourette e por Pichon, como possuindo uma única e singular autoria. Um dos autores é explicitamente omitido por razões aparentemente não explicadas. Ainda que não se possa afirmar com segurança qual dos dois é o “gramático sensacional” evocado por Lacan, a leitura do seminário permite deduzir que se trata do nome de Pichon, e que Damourette é simplesmente desconsiderado como autor da obra nesse trecho. Semelhante fenômeno se repete na quinta lição do seminário 6 *O desejo e sua interpretação*, no momento em que Lacan evoca a análise da negação em francês presente na gramática *Das palavras ao pensamento*.

Estranhamente, Lacan atribuiu a autoria da análise da estrutura da negação, e de seus componentes que são o *forclusivo* e o *discordancial*, apenas ao nome de Pichon, tratando-o inclusive por termos de grande reconhecimento, como *notável*, *admirável* e *um de nossos psicanalistas primogênitos*. Sobre essa questão, há um trecho que torna essas considerações ainda mais claras. Ao discorrer sobre Pichon e a análise da negação em francês, Lacan novamente se refere à gramática *Das palavras ao pensamento* como obra de sua autoria única:

Édouardo Pichon, a propósito da negação, fez essa distinção da qual é preciso que vocês tenham pelo menos um pequeno apanhado, uma pequena noção, uma pequena idéia. Ele percebeu alguma coisa, ele teria até desejado ser um lógico – manifestadamente queria ser psicólogo, ele nos escreveu que aquilo que faz é um tipo de exploração *Des mots à la pensée*. (LACAN, 2005, p. 58)

Lacan, propositalmente ou não, induz o leitor, no decorrer de toda essa específica lição, a acreditar que *Des mots à la pensée* e a análise da negação em francês são frutos unicamente da mão de Pichon. O único ponto que orienta o leitor é uma nota de rodapé logo após a citação reproduzida acima, em que os tradutores especificam que a obra citada por Lacan possui a dupla autoria de Damourette e Pichon. A despeito do nome do primeiro ser omitido durante toda a quinta lição, Lacan abre a sexta lição dizendo que da última vez fizera alusão à gramática francesa de Jacques Damourette e de Édouard Pichon. Tal fato não deixa de soar como uma grande contradição por parte de Lacan.

Retomando as relações travadas por Pichon com a psicanálise, Arrivé (1999) fornece outros dados que são importantes. O gramático foi um dos fundadores da Sociedade Psicanalítica de Paris em 1925 e foi presidente da mesma em 1938. No que toca a sua atuação como linguista, presidiu a Comissão Linguística para a unificação do vocabulário psicanalítico francês. Trata-se de outro fato que mostra claramente a maneira como Pichon transitava na interface Lingüística e Psicanálise, antes de qualquer outro teórico e até mesmo Lacan fazê-lo. Uma curiosidade interessante a esse respeito foi seu esforço bem sucedido de, em 1927, impor “ça” como tradução para o termo freudiano “es”, em detrimento de “soi” De

fato, o “ça” se tornou um termo consagrado na literatura psicanalítica francesa, tendo sido inclusive adotado pelo próprio Lacan.

2 DES MOTS À LA PENSÉE E A DINÂMICA DO INCONSCIENTE: A SISSEMIA HOMOFÔNICA

Esse espírito de vanguarda da dupla de gramáticos e, no que se refere especificamente ao diálogo com a psicanálise, não é observável apenas na interface teórica entre linguagem-psicanálise, mas também pode ser constatada na interface linguagem-inconsciente. A aproximação entre o inconsciente e a linguagem poética ou, como se expressaram Damourette e Pichon, entre o inconsciente e a utilização estética da língua, pode ser encontrada no capítulo *Role de la phonétique en grammaire*³, pertencente ao primeiro volume de *Des mots à la pensée*. No entanto, simultaneamente, vê-se nesse mesmo capítulo um curioso tratado sobre a linguagem do inconsciente e sua estrutura de palavra. Em *Rôle de la phonétique en grammaire*, a dupla de gramáticos propõe o conceito de *sissemia homofônica*, criado por eles para denominar a *irresistível tendência* que têm os vocábulos homófonos a se confundirem e criarem uma idéia nova mais geral. Um exemplo dado entre vários é a homofonia entre as palavras *raisonner* (*raciocinar, argumentar*) e *résonner* (*ressoar, retumbar*) que, pelo seu caráter homofônico, podem se cruzar de diversas maneiras no espírito do locutor.

Sabe-se que o jogo de palavras e o cruzamento homofônico dos significantes é um dos princípios de linguagem descobertos no inconsciente por Freud. Essa valorização do inconsciente em detrimento do consciente é partilhada por Damourette e Pichon que dizem: “Mais le plus souvent, la sysémie se fait sans intervention de la conscience”⁴ (DAMOURETTE E PICHON, 1911-1927, p. 160). A sissemia, como grande parte das considerações expostas no decorrer de *Des mots à la pensée*, encontra seu fundamento no *sentimento lingüístico* do falante da língua atual e não em razões puramente gramaticais. A *sissemia homofônica*, por essa

³ Função da fonética em gramática.

⁴ Tradução nossa: Mas, de forma mais frequente, a sissemia se dá sem intervenção da consciência.

razão, não opera quando o sentimento linguístico do falante não é chamado a perceber e produzir uma associação entre duas palavras homofônicas. Como exemplo, o que não deixa de ser contestável, eles argumentam que entre a terceira pessoa do presente do indicativo do verbo *porter*: *il/elle porte* (*portar*: *ele/ela porta*) e o substantivo feminino *porte* (*porta*), o falante não é chamado a se dar conta da homofonia, já que a ligação fonética é absolutamente diferente nos dois casos em que ela se mostra. O exemplo não pode ser tomado como verdadeiro, afinal é sabido que o falante e o inconsciente são capazes de produzir as associações mais contingentes, pois a linguagem constantemente divide o sujeito com associações e lapsos tomados para ele próprio como da ordem de um estranhamento. No entanto, o verdadeiramente importante é a preocupação de Damourette e Pichon em conduzir o problema da sissemia homofônica para o campo da semântica e do sentido, deslocando-o de considerações meramente gramaticais e fonéticas. *Des mots à la pensée* é um vasto compêndio de gramática que o tempo todo busca esse posicionamento paradoxal de se distanciar da própria essência da gramática e se aproximar da semântica.

Prosseguindo, os diversos trocadilhos entre palavras homofônicas e sua imbricada rede de associação e de sentido, conforme expõem a dupla de gramáticos no decorrer do capítulo, são muito semelhantes à essência do chiste e dos atos falhos estudados por Freud. Dessa forma, o princípio associativo dos significantes por metáfora no inconsciente é surpreendentemente ilustrado por Damourette e Pichon em seu comentário sobre o termo *porte*:

Ce n'est en quelque sorte que par réflexion que l'on se rend compte que le mot *porte* (*janua*) se compose des mêmes phénomènes que le mot *porte* (*fert*). Et si, ayant pensé la suite phonétique *porte* comme corps de l'idée de *janua*, l'esprit vient, par association mécanique subconsciente, à voir surgir dans ce même corps l'idée de *fert*...⁵ (DAMOURETTE; PICHON, 1911-1927, p. 161)

⁵ É somente através do trabalho de reflexão que alguém se torna ciente de que a palavra *porta* (*janua*) é composta das mesmas características da palavra *porta* (*fert*). Assim, quando se pensa o seguimento fonético *porte* como a matéria da ideia de *janua*, o espírito, por associação mecânica subconsciente, faz surgir nessa mesma matéria a ideia de *fert*... Nota de tradução: *Janua* é a palavra latina para *porta* ou *entrada*. *Fert* é a palavra latina que designa a terceira pessoa do presente do indicativo do verbo *fero*: portar, trazer.

Aqui os gramáticos parecem corrigir o que acabaram de afirmar, e aceitam a existência de uma sissemia homofônica com *porte* por uma *associação mecânica subconsciente*. Eles aceitam, assim, a idéia genuinamente freudiana de uma associação metafórica de palavras no inconsciente ou, usando o termo trazido pelos gramáticos, no subconsciente. Essa associação mecânica subconsciente é descrita por Damourette e Pichon como experimentada no espírito do falante por uma sensação de brusca contradição, de mudança de perspectiva, de ser surpreendido por algo inesperado. A contingência e a surpresa, tão próprias das formações do inconsciente demonstradas pela associação livre, são apontadas como características da associação constituidora da sissemia homofônica, que para os gramáticos também é inconsciente. Os gramáticos procedem em sua exposição fornecendo exemplos de trocadilhos entre palavras homofônicas que fazem lembrar a estrutura do *Witz* (*chiste*) proposta por Freud, o que justifica Arrivé (1999) ter reconhecido em Damourette e Pichon uma indulgência quase freudiana para os trocadilhos.

Um dos exemplos expostos pelos gramáticos é a sissemia possível entre as palavras *tant* (“tanto”) e *temps* (“tempo”), ou ainda entre expressões como *en tant* (“em tanto”) e *en temps* (“em tempo”). Essa sissemia homofônica, de forma semelhante com as formações do inconsciente, obedece a uma essência lógica e apenas se aplica nos casos em que as palavras expostas estão regidas por tal regra. Esse trabalho pela homofonia nas formações do inconsciente é a pedra angular da descoberta freudiana e a chave de leitura para a interpretação de um sintoma. Como exemplo, é possível evocar o caso clínico de Freud conhecido como O Homem dos Ratos: o enodamento linguístico que forma o seu sintoma é uma associação entre a palavra *Ratten* (“ratos”) e *Raten* (“prestação”). Indo além, o paciente relata a Freud que seu pai era um *Spielratten* (“rato de jogo”), um jogador de cartas compulsivo. Tal exemplo esclarece a razão de Lacan afirmar que o inconsciente se interessa muito mais pelo significante do que pelo significado. Retomando, a diferença de gênero, que para Damourette e Pichon é uma diferença taximática importante, é suficiente para impedir a sissemia, tal qual entre *le somme* (“o sono”) e *la somme* (“a carga, o peso”). Uma outra particularidade que impede a

sissemia diz respeito às palavras homógrafas, porém não homofônicas, tais como *la casse* (tipo de frigideira, caçarola) e *la casse* (ação de quebrar, partir), ou ainda entre *la manne* (maná, alimento de origem divina) e *la manne* (tipo de cesto, berço). A regra lógica em questão para que a sissemia homofônica exista é, logo, o fato de as palavras em questão não englobarem cada uma por si só um sistema taxiemático intravocabular onde as mesmas possam se isolar. Essa regra lógica pode ser resumida dessa forma por Damourette e Pichon: “La sysémie homophonique ne joue qu’à l’intérieur d’une même essence linguistique; et encore se meut-elle sur le domaine sémantique, psycholinguistique.”⁶ (DAMOURETTE; PICHON, 1911-1940, p. 325) Pede-se uma fluidez associativa, um pouco mais evidente que as associações linguísticas no inconsciente, para que esse interessante fenômeno estudado por Damourette e Pichon opere de maneira satisfatória. Arrivé (1999) não deixa de se perguntar se a sissemia homofônica constitui por si só um sistema linguístico assim como o inconsciente é estruturado como um sistema linguístico.

O inconsciente, compreendido como um efeito da linguagem e da própria fala, é o ponto central da descoberta freudiana: ele surge na associação livre, nos lapsos, chistes e demais fenômenos languageiros. A releitura estruturalista empreendida por Lacan na década de cinquenta foi um fundamental passo para se formalizar o inconsciente não apenas como linguagem, mas estruturado como uma linguagem. Santiago (1995) aponta que o encontro com o Estruturalismo retirou do inconsciente freudiano o seu caráter de substância, tendo sido antes o mesmo banalmente interpretado como uma “caixa de Pandora”, um objeto obscuro que esconde segredos em sua profundidade. A Linguística Estrutural permitiu recuperar a rica simbologia presente no inconsciente freudiano, por partir de um ponto de vista não substancial, mas diferencial. Na língua, há apenas diferenças, tudo é marcado por um sistema de oposições entre signos, representações, palavras, etc. Santiago (1995) aponta como o anti-substancialismo linguístico é uma aquisição fundamental para a pesquisa psicanalítica contemporânea. O estruturalismo possibilitou desvanecer o caráter misterioso do inconsciente, retirando do mesmo a idéia de ser algo abissal, profundo e oculto, características consideradas por muitos imanentes a

⁶ A sissemia homofônica apenas ocorre no interior de uma mesma essência linguística e ainda se move sobre o domínio semântico, psicolinguístico.

ele. O popular termo *subconsciente*, rejeitado pelo próprio Freud, denuncia essas concepções. A partir do momento em que se conceitua que o inconsciente é estruturado como uma linguagem se permite trazer a tona o seu material. A complexidade do inconsciente se encontra nas regras de combinação do seu material lingüístico, sem precisar relegá-lo ao pressuposto da profundidade.

3 A SISSEMIA HOMOFÔNICA E A ALÍNGUA

Uma possível definição para o termo lacaniano *alíngua* é compreendê-lo como uma linguagem tensionada pela função poética, ou nos termos de Lacan em *Televisão*, como o integral dos equívocos que a história de uma língua deixou persistir nela. A leitura atenta dos últimos seminários de Lacan a partir de *Mais, ainda*, seminário onde a questão da *alíngua* é introduzida; assim como de seus textos mais tardios como *Lituraterra*, esclarece que a via privilegiada por Lacan para se ter acesso e praticar a *alíngua* é a própria homofonia, que desestabiliza as regras gramaticais da língua, e os jogos de palavras dela resultantes. Encontra-se, então, uma visível intimidade entre os jogos de palavras e as rupturas de sentidos da *alíngua* descrita por Lacan e o fenômeno da *sissemia homofônica* descrita por Damourette e Pichon. Essa intimidade é encontrada rumo ao final do capítulo *Role de la phonétique en grammaire*, dedicado à *sissemia homofônica*. Os gramáticos novamente afirmam que a *sissemia* ou a tendência *sissemímica* não pertence propriamente ao consciente e que ambas não são estranhas à utilização estética da língua. De acordo com a observação da dupla, todos os grandes poetas franceses ignoraram as leis do ritmo do verso francês, ainda que essa negligência não os tenha impedido de aplicá-los com genialidade. Para os gramáticos, como o poder associativo dos segmentos fonéticos entram em jogo na poesia, esses não podem ser restritos estreitamente à lei da *sissemia homofônica*. Nesse momento de sua reflexão, Damourette e Pichon fornecem uma surpreendente articulação entre a linguagem poética e o inconsciente, provocando inevitáveis analogias com a *poesia da alíngua* no inconsciente:

Les suites phonétiques, les syllabes, les phonèmes même, ont, outre leur valeur onophonétique éventuelle, une valeur mnésique provenant de tous les mots desquels ils ont fait partie, et nous sommes persuadés que cette charge sémantique est constamment présente dans le subconscient du sujet parlant. C'est à travers ces éléments, que l'intellect conscient ne perçoit pas, que nous entrons en communion avec le génie du poète. (DAMOURETTE; PICHON, 1911-1927, p. 162)⁷

Essa passagem apresenta uma clara noção de um inconsciente estruturado como uma linguagem, lançando mão de um termo reconhecidamente freudiano, tal como *valor mnêmico* e de expressões com forte apelo lacaniano que são a *carga semântica* e o *sujeito falante*. A partir do momento em que se há afirma que há uma carga semântica no *subconsciente* do sujeito falante, termo dos gramáticos para se referir ao inconsciente, Damourette e Pichon reconhecem, bem anteriormente a Lacan, que o inconsciente é tecido de linguagem. Cabe lembrar, no entanto, a fundamental diferença que separa as condições de produção de uma gramática e a experiência do campo da psicanálise: a clínica. Se compreendermos que o conceito de inconsciente inclui a presença do analista, tal como posteriormente formulou Lacan, colocamos os exemplos de Damourette e Pichon em seu lugar correto, que é de um esforço teórico em demonstrar a incidência da gramática na própria estrutura do inconsciente revelada pela teoria e clínica freudianas.

No prosseguimento de seu raciocínio, a dupla de gramáticos evoca a carga semântica como via privilegiada para procurar o segredo do *charme da rima*. As articulações presente no capítulo entre homofonia, inconsciente e linguagem poética parecem uma chave de leitura para localizar rudimentos do conceito de *alíngua* no texto de Damourette e Pichon, sendo que a seguinte passagem é particularmente emblemática: “C'est également la charge sémantique qui permet

⁷ Tradução nossa: As sequências fonéticas, as sílabas, os próprios fonemas têm, além do seu valor onomatopéico eventual, um valor mnêmico proveniente de todas as palavras das quais eles fizeram parte, e estamos persuadidos de que essa **carga semântica** está constantemente presente no subconsciente do sujeito falante. É através desses elementos, que o intelecto consciente não percebe, que entramos em comunhão com o gênio do poeta.

de créer de nouveaux vocables tirés en apparence de néant.”⁸ (DAMOURETTE; PICHON, 1911-27, p. 163). Um dos pilares da noção de *alíngua* é a incidência de uma língua de gozo particular em cada sujeito que resiste à captura pelas normas compartilhadas de utilização da linguagem. A linguagem é, como se expressou Lacan no Seminário 20 e a passagem citada de Damourette e Pichon também indiretamente evoca, uma constante elocubração de saber sobre essa invenção vocabular não compartilhada e “aparentemente tirada do nada que é alíngua”. É possível destacar uma passagem presente no Seminário 23 *O Sinthoma*, em que Lacan comenta essa capacidade criadora da linguagem em sua relação com o inconsciente: “Criamos uma língua na medida em que a todo instante damos um sentido, uma mãozinha, sem isso a língua não seria viva. Ela é viva porque a criamos a cada instante.” (LACAN, 2007, p. 129) Damourette e Pichon parecem décadas antes ter percebido algo bastante próximo dessa afirmativa lacaniana que é fundamental para a noção de *alíngua*, se preocupando inclusive em destacar o caráter imprevisível e inesperado da capacidade criadora da linguagem, cujos novos vocábulos são *aparentemente tirados do nada*.

4 DAMOURETTE E PICHON COM LACAN: A NEGAÇÃO FRANCESA E O DISCORDANCIAL

Damourette e Pichon propõem abordar a problemática da negação por uma via que privilegia o *sentimento linguístico* do falante de língua francesa, sem deixar de lado a questão da subjetividade presente nos fatos gramaticais e nos fatos da própria língua. Trata-se de uma preocupação com a *psicologia coletiva dos sujeitos que têm o francês como língua materna*, servindo de uma expressão da dupla de gramáticos, que atravessa todos os sete volumes de *Des mots à la pensée*. A negação é uma base lógica de uma língua que se exprime na subjetividade e no campo psíquico de cada sujeito falante e que, como expressam Damourette e Pichon, *não é um fator real do pensamento francês*. A dupla de gramáticos evidencia a peculiaridade da negação francesa por se constituída por duas partículas: a

⁸ Tradução nossa: É igualmente a carga semântica que permite criar novos vocábulos aparentemente tirados do nada.

partícula *ne* que antecede o verbo a ser negado, e as partículas *pas*, *rien*, *jamais* dentre outras, que são colocadas após o verbo. Logo, em francês não existe negação real, mas a combinação entre a discordância (*ne*) e a forclusão (*pas*, *rien*, *jamais*).

Sabe-se que a língua coloquial frequentemente omite o *ne* das assertivas negativas, o que permite concluir que a segunda partícula composta por termos como *pas*, *rien* e *jamais* seja mais próxima da negação bruta da lógica clássica que o *ne*. Para fornecer um exemplo bastante simples, uma frase como *je ne sais pas* (eu não sei) é frequentemente usada na linguagem oral como *je sais pas* (eu não sei) sem qualquer prejuízo para o sentido e para a força negativa presente na sentença. Compreender o *ne* originalmente como uma negação é, para a dupla de gramáticos, uma das noções mais elementares da gramática histórica do francês. A partícula *ne*, em francês arcaico, era de fato uma partícula negativa mas, devido à sua redução a um monossilábico e até mesmo apenas ao fonema [n], adquiriu-se o hábito de reforçá-la por meio de vocábulos de valor afirmativo, tais como *pas*, *rien* e *jamais*. Fatores históricos e diacrônicos retiraram paulatinamente da partícula *ne* seu valor negativo e a transportaram para a segunda partícula, sendo que no francês atual o *ne* possui um sentido completamente diferente da expressão de uma negação, que é a expressão de um *discordancial*. Para Damourette e Pichon, o francês constitui todo um novo sistema taximático que substitui a negação latina, porém apontam que a explicação puramente histórica em nada esclarece a natureza das noções contidas nas partículas *pas*, *rien* ou *jamais* para a percepção linguística do francês contemporâneo. Essa natureza deve ser buscada na semântica da língua, em razões psicológicas do locutor, como já foi dito antes no que se refere à insuficiência da pesquisa histórica para a exposição dos fatos da língua.

Dando prosseguimento, há ainda dois empregos diferentes do *ne* em língua francesa: um deles é o *ne* conjugado com a partícula *que* em que a única exceção à negativa é o substantivo introduzido na oração. Como exemplo, se pode dizer *je n'ai qu'un frère* (eu tenho apenas um irmão). O terceiro tipo de emprego é o que mais interessou a Damourette e Pichon, assim como também constitui o que de fato interessou a Lacan sobre a análise da negação e suas relações com o inconsciente. Há empregos isolados do *ne* em orações subordinadas e foi esse tipo

específico de emprego que levou a dupla de gramáticos a afirmar que o *ne* sempre expressava uma discordância entre essa subordinada e o fato central da frase. Devido a isso foi por eles dado à partícula *ne* o nome de *discordancial*. Os exemplos são inúmeros em sentenças e situações mais discrepantes, razão pela qual se toma aqui o mais conhecido da língua francesa, o chamado *ne éxpletif* (*Ne* expletivo) empregado em expressões que indicam temor, tal como *je crains qu'il ne vienne*. No exemplo em questão, a partícula aparentemente negativa *ne* expressa a discordância entre o sujeito da principal e a possibilidade que ele considera. Há aí uma divisão do sujeito na estrutura da linguagem, algo tão ressaltado e trabalhado por Lacan em sua obra, sendo que o *ne*, ao contrário de exprimir uma negação sintática, exprime o desejo do locutor de que *ele não venha*. Dessa forma, a tradução semântica correta para *je crains qu'il ne vienne* é *eu temo que ele venha* e o *ne* opera apenas como elemento discordancial, não como partícula negativa. Lacan oferece uma interessante leitura para esse *ne éxpletif* no Seminário 6 *O desejo e sua interpretação*:

...alguma coisa no meu temor se antecipa ao fato de que ele venha e desejando que ele não venha, poder-se-ia de outra forma articular este “Eu temo que ele venha” [“je crains qu'il vienne”] como um “Eu temo que ele não venha” [“je crains qu'il ne vienne”] enganando no caminho, ao passar, se assim posso dizer, esse *ne* de “discordância” que se distingue como tal na negação do *ne* forclusivo [forclusif]. (LACAN, 2005, p. 59)

Lacan, nessa passagem, toca na fundamental distinção proposta pelos gramáticos entre *discordância* e *forclusão*. Se a discordância expressa uma divisão do sujeito entre o que ele deseja e o que ele considera ou, entre enunciado e enunciação, a forclusão é a expressão paradigmática de uma negação radical a respeito de uma determinada percepção. Daí o comentário de Lacan sobre a diferença entre um *ne* de discordância, que não expressa uma negação, e o *ne* forclusivo, que é a expressão mais absoluta de uma negação.

Um segundo exemplo também interessante por denunciar a divisão subjetiva do falante na linguagem se encontra no uso do verbo *désespérer* (desesperar, afligir, perder a esperança). Coloca-se o discordancial após *ne pas*

désespérer (não desesperar, não afligir, não perder a esperança) pois esse não exprime o oposto de *désespérer*, mas significa manter uma esperança pequena, o suficiente para que não haja desespero. Tal é o exemplo fornecido por Damourette e Pichon: “Que si... on travailot encore à faire imprimer les livres grecs avec la traduction Française à costé, ce que je ne désespère pas que l’on ne fasse quelque jour...”⁹ (DAMOURETTE; PICHON, 1911-1927, p. 134). No exemplo em questão permanece, como concluem os gramáticos, uma discordância entre o desejo que se tem do acontecimento expresso na subordinada e a impossibilidade irredutível desse acontecimento.

5 DAMOURETTE E PICHON COM LACAN: O SUJEITO DA ENUNCIÇÃO E O DISCORDANCIAL

Lacan, na quinta lição do Seminário 6 *O desejo e sua interpretação*, inicia suas considerações tratando da duplicidade do significante entre o que é da ordem do processo do *enunciado* e do ato da *enunção*. A distinção do sujeito *Je* da enunção e do sujeito *Je* do enunciado é mais claramente ressaltada nas assertivas negativas, como já demonstrara Freud e a dupla de gramáticos Damourette e Pichon. A negação, como expressa Freud em seu texto sobre a *Verneinung*¹⁰, é um índice do recalque, de um não querer saber sobre uma simbolização primordial que recebe o nome de *Bejahung*. Assim, no exemplo tão conhecido trazido por Freud, um paciente afirma a respeito de uma figura presente no relato de seu sonho: *Não é minha mãe*. Freud é bem categórico ao dizer que, a respeito dessa frase, podemos desconsiderar a negativa da frase e considerar apenas o conteúdo, fornecendo uma interpretação que muito se aproxima das análises de Damourette e Pichon sobre a incidência do *ne* discordancial nas frases subordinadas: “É como se o paciente tivesse dito: Com relação a essa pessoa, de fato pensei na minha mãe, mas não tenho a menor vontade de deixar esta idéia valer.” (FREUD, 2007, p. 147) O conteúdo recalcado só pode advir à consciência com a condição de que seja negado

⁹ Tradução nossa: Que se... se trabalhasse ainda para mandar imprimir livros gregos com a tradução francesa ao lado, o que eu não perco a esperança que se faça algum dia...

¹⁰ A Denegação. Data original do texto: 1925.

e aceitado apenas no plano intelectual, sendo que a *Verneinung* é ao mesmo tempo um índice e uma supressão do recalque.

A trilha proposta por Lacan no Seminário 6 toma a direção de se evidenciar o absurdo, a contradição interna da função do “não”. Ao se afirmar alguma coisa tal como “eu não digo”, como ilustra o exemplo de Freud, necessariamente se diz essa mesma coisa. Trata-se de uma propriedade estrutural do significante que é a de ser o sinal da presença de uma ausência. Lacan, nesse momento, chama para a discussão a notável observação de Pichon sobre o sentido linguageiro da negação e sua distinção entre o discordancial e o forclusivo. Ao tratar sobre o *ne* puro, que oferece os problemas mais paradoxais para a negação, Lacan esboça um comentário que, mesmo involuntariamente, coloca Damourette e Pichon na via da Lingüística da Enunciação: “O *ne* por si só, entregue a si mesmo, exprime o que ele chama uma discordância e esta discordância é muito precisamente alguma coisa que se situa entre o processo da enunciação e o processo do enunciado.” (LACAN, 2005, p. 58) O *ne éxpletif* discordancial trabalhado por Damourette e Pichon é paradigmático para demonstrar que a discordância se situa entre enunciado e enunciação e é encarnada pelo *ne*. Arrivé (1999) ressalta que esse *ne éxpletif* é possivelmente o aspecto da língua francesa que mais insistentemente chama a atenção de Lacan e que mais o coloca na via do pensamento de Damourette e Pichon.

O sujeito da enunciação surge em diversos contextos da obra de Lacan reconhecido nesse *ne éxpletif*, dentre eles nos Seminários 3, 6, 7 e 9. A negação, para Lacan, vai da enunciação ao enunciado e, isso vai de encontro com o fato de que toda negação no enunciado afirma alguma coisa para colocá-la ao mesmo tempo como não existente, uma não existência em algum lugar entre o enunciado e a enunciação. Rudimentos de uma teoria da enunciação podem assim ser encontrados na análise de Damourette e Pichon sobre o discordancial por se demonstrar que a discordância se encontra entre o enunciado e a enunciação. O *ne* ocupa, nas palavras de Lacan, o lugar flutuante de uma certa errância entre o enunciado e a enunciação e demonstra sua própria discordância. Em contrapartida, se Lacan reconhece no *ne* o sujeito da enunciação, ele não deixa de o conduzir ao seu próprio sujeito da enunciação que é o sujeito do inconsciente: “A partícula

negativa ne só aparece a partir do momento em que falo verdadeiramente, e não no momento em que sou falado, se estou no nível do inconsciente.” (LACAN, 1988, p. 83) Essa frase, retirada do Seminário 7 *A ética da psicanálise*, é consequência direta de um comentário da famosa sentença *Je crains qu’il ne vienne* e que evidencia a importância desse *ne* para encontrar a distinção entre enunciado e enunciação. Lacan assim conclui de uma forma que parece de simples compreensão a maneira como o *ne éxpletif* designa o sujeito da enunciação: “Enunciando *je crains... quelque chose*, faço-o surgir em sua existência e, da mesma feita, em sua existência de voto – *qu’il vienne*. É aí que se introduz esse pequeno *ne* que mostra a discordância da enunciação com o enunciado” (LACAN, 1988, p. 83).

O fato que surge no contexto dos seminários 3 e 6 se repete nesse ponto do Seminário 7 e o nome de *Damourette* é mais uma vez omitido por Lacan, afirmando ele que o emprego tão sutilmente diferenciado desse *ne* discordancial na língua francesa se encontra no *rastro de Pichon*. Há ainda uma outra passagem pertencente ao Seminário 9 *A identificação*, trazida por Arrivé e importante de ser transcrita. Ela ressalta ainda mais a importância da gramática de *Damourette* e *Pichon* para o pensamento de Lacan e, mais propriamente, da noção do *ne* discordancial para consolidar a noção de *sujeito da enunciação*:

... *je crains qu’il ne vienne* não é tanto expressar a ambigüidade de nossos sentimentos do que, por essa sobrecarga, mostrar quanto, num certo tipo de relações, é capaz de ressurgir, emergir, reproduzir-se, marcar-se numa ausência, essa distinção do sujeito da enunciação, enquanto tal, em relação ao sujeito do enunciado. (LACAN *apud* ARRIVÉ, 1999, p. 146)

O *ne* discordancial, esse fenômeno particular da língua francesa tão bem encarnado nesse *ne éxpletif*, marca assim não apenas uma clivagem entre enunciado e enunciação, mas se encontra entre, no meio do caminho do processo da enunciação e o processo do enunciado. Ele liga, nas palavras de Lacan, a negação a um tipo de posição original da enunciação como tal e a própria negação se constitui como um gesto enunciativo sobre um enunciado já existente. Isso conduz a uma resposta, ainda que provisória para a questão posta por Lacan sobre a diferenciação entre o *je* da enunciação e o *je* do enunciado. Se o sujeito da

enunciação para Lacan é o sujeito da enunciação inconsciente, é na dialética com o campo do Outro que se impõe a estrutura mesma da diferença entre enunciação e enunciado. A decomposição da estrutura do sonho, como faz Lacan no Seminário 6, ilustra bem essa proposição. Ao se comunicar um sonho, o sujeito dirige ao outro certo número de enunciados que comportam uma enunciação latente, que é a própria demanda de interpretação para esse sonho. Relatar um sonho é supor que esse sonho é significativo e que seus enunciados possuem, assim, um índice de enunciação, pois fazer um relato é passar o sonho para o registro da linguagem. Aí entra, segundo Lacan, o acordo ou a discordância, o acordo ou o desacordo entre a enunciação e o significante, entre o que é da relação no enunciado daquilo que está nas necessidades da enunciação:

O sujeito nos indica o que? Um outro enunciado, mas não é nem um pouco suficiente dizer isso. De um outro enunciado que nos apresenta como uma enunciação, pois é um fato que o sujeito nos conta o sonho para que precisamente nós procuremos a chave, o sentido, isto é, aquilo que ele quer dizer, ou seja, para algo completamente diferente do enunciado que ele nos traz. (LACAN, 2005, p. 65)

O sonho é, em si, essa *outra cena*, esse Outro absoluto do onde emana um enunciado suportado pela subjacência de uma enunciação presente no desejo sempre cifrado do sonho. Ao se dirigir a um outro a demanda de interpretação do sonho a partir do seu relato, a interpretação advém do próprio sujeito do inconsciente e cabe ao analista, ao contrário de um ouvinte cotidiano, permitir que essa enunciação inconsciente prevaleça. Curiosamente, um bom exemplo que trata da questão do sonho é trazido por Damourette e Pichon no capítulo sobre o discordancial, logo após afirmarem que o *ne discordancial* é a expressão do desgosto íntimo de ter de reconhecer um fato que se desejaria, consciente ou inconscientemente, que não houvesse ocorrido: “Néanmoins personne ne contestera que le rêve ne soit un phénomène psychologique.”¹¹ (DAMOURETTE; PICHON, 1911-1940, p. 148).

¹¹ Tradução nossa: Contudo, ninguém contestará que o sonho seja um fenômeno psicológico.

Em contrapartida, apesar dessas legítimas e inevitáveis aproximações, cabe manter certa distância entre a enunciação no sentido de Lacan e a enunciação no sentido dos linguistas. Se para ambos o sujeito da enunciação é o sujeito que fala, Lacan se esforçou para separar radicalmente as instâncias da enunciação e do enunciado, sendo que nas teorias linguísticas essa discordância expressa entre os dois termos não é tão observável: eles se conjugam a todo instante no discurso. É um posicionamento teórico semelhante àquele operado na dicotomia saussureana entre *significante* e *significado*: se para Saussure a barra indica que ambos estão associados, para Lacan essa mesma barra indica uma disjunção, essa tão extrema que o significante recebe um destaque diferenciado do significado. Essa aproximação entre a enunciação e o enunciado é o que Benveniste, linguista da enunciação por excelência, adverte: “É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto”. (BENVENISTE, 2006, p. 82) Além da enunciação se confundir com o próprio ato de produzir um enunciado, há nela, para Benveniste, a dimensão de um ato individual de apropriação e utilização da língua por um sujeito. A idéia da existência de um *agente da enunciação* para Benveniste é bastante clara, pois para o lingüista o ato da enunciação é o próprio fato do locutor mobilizar a língua por sua própria conta ao tomá-la como um instrumento.

Diferentemente, como indica Arrivé (1999), o sujeito da enunciação para Lacan é conseqüência da articulação significante no campo do Outro, não se configurando como agente, mas como um suporte. A enunciação lacaniana é aquela que encadeia a *outra cena*, como se expressava Freud, onde se estruturam os significantes específicos que constituem o inconsciente. Eis o sentido a se dar ao axioma *o significante representa o sujeito para outro significante*, axioma que retira desse sujeito toda sua autonomia. Se a enunciação, nos termos de Benveniste, implanta explícita ou implicitamente a dimensão de um outro (o alocutário) e é caracterizada pela acentuação da relação discursiva com o parceiro seja este real ou imaginado, individual ou coletivo; o parceiro do sujeito da enunciação de Lacan é apenas e exclusivamente o Outro do inconsciente. Como demonstra a análise do sonho apresentada no Seminário 6, o sujeito da enunciação se encontra com o

sujeito do desejo, sendo que esse segundo é estranho e alheio ao universo das teorias linguísticas.

Um possível ponto de encontro entre o *sujeito do desejo* de Lacan com as teorias linguísticas é a própria análise do discordancial proposta pela gramática de Damourette e Pichon, já que o *ne* expressa mais especificamente, nas palavras dos gramáticos, “a discordância entre o desejo do sujeito da principal e a possibilidade que ele considera.” Por esse caminho o *sujeito do desejo* de Lacan se encontra com o *desejo do sujeito* que é o elemento central da teoria gramatical de Damourette e Pichon sobre o *ne* discordancial. O *desejo do sujeito* aparece novamente um em comentário de Damourette e Pichon diretamente ligado à *crainte* (temor) e que se liga à disjunção entre o enunciado e a enunciação: “Des attitudes entraînant disordance, la plus passive est la CRAINTE, au sens plus général de ce terme. C’est une attitude psychologique dans laquelle il y a discordance entre ce que le sujet désire et ce que lui semble probable.”¹² (DAMOURETTE; PICHON, 1911-1940, p. 116) Essa discordância entre o que parece provável e o que o sujeito deseja é uma questão que em muito interessa a dupla de gramáticos, sendo que a simples leitura demonstra o quanto isso ganha destaque em seu pensamento.

A expressão *protestação discordancial do locutor* também aparece como fundamento de uma explicação psicológica para o uso do discordancial, o que traz mais uma vez ao primeiro plano as dimensões do enunciado e da enunciação. O *ne* discordancial, fonte de uma infinidade de exemplos na gramática de Damourette e Pichon, tem para a dupla o estatuto de um órgão vivo semântico plenamente significativo, ao qual a língua recorre em todos os casos em que há uma demanda psicológica dos mesmos, e não em virtude de regras sintáticas puramente formais. O discordancial não necessita de uma conformação gramatical para se mostrar, ela se funda em uma motivação psicológica que emana do locutor. O termo *fenômeno psicológico* de fato aparece com bastante frequência diante dos exemplos do uso do *ne* discordancial em língua francesa.

¹² Tradução nossa: Dentre as atitudes de discordância, a mais representativa é a de TEMOR, no sentido mais geral do termo. Trata-se de uma atitude psicológica na qual há discordância entre o que o sujeito deseja e o que o parece provável.

Admitindo que a discordância não marca uma oposição intelectual, e sim o sentimento psicológico do locutor; torna-se mais clara a ideia de que o discordancial é comandado pelo sentido da frase e não por motivos meramente sintáticos. Longe de negar o fato, paradoxalmente a presença do *ne* confere um caráter de certeza a esse fato. Essas reflexões permitem uma melhor compreensão da forma como os processos de subjetividade e enunciação estão entranhados no próprio pensamento gramatical, desestabilizando a clássica divisão entre uma linguística *hard* e uma linguística *soft*. O pensamento gramatical, diferentemente do que pode a princípio parecer, não se furta de participar da constituição do sujeito da linguagem e da própria constituição do sujeito do inconsciente. Essa formulação pode ser embasada não apenas pelos pontos desenvolvidos no presente texto, mas igualmente pelas diversas estruturas identificadas por Lacan no inconsciente e perfeitamente sintetizadas nessa passagem:

Um sistema do significante, uma língua, tem certas particularidades que especificam as sílabas, os empregos das palavras, as locuções nas quais elas se agrupam, e isso condiciona, até na sua trama mais original, o que se passa no inconsciente. (LACAN, 1985, p. 140)

ABSTRACT

This article intends to make clear the specific importance of Damourette and Pichon's grammar *Des mots à la pensée: Essai de grammaire de la langue française* in order to think the logic basis for the *enunciation* notion. In order to achieve this aim, it is put the grammars' work proceeding a dialogue with elaborations coming from psychoanalysis, particularly Jacques Lacan's notions developed in Seminar 6 *The desire and its interpretation* and his latest notion of *lalangue*, slowly built from Seminar 20 *Encore*. It is pursued a link between linguistic and psychoanalytic fields, searching the existing dichotomy between the *subject of enunciation* and the *subject of unconscious*. The approach is strictly theoretic, putting in touch notions of each author and trying to catch their points of intersection. In order to achieve this aim, it is searched the *denial in French language* study elaborated by grammars Damourette and Pichon, putting in touch with dichotomy existing between *enunciated* and *enunciation*, built by Lacan mainly in Seminar 6 *The desire and its interpretation*. As a conclusion, it becomes clear the way grammar is crossed over by subjectivity and the enunciation field.

Key-words: Subject, enunciation, language, unconscious, denial.

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e Psicanálise, Lingüística e Inconsciente*: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006.

DAMOURETTE, Jacques ; PICHON, Edouard. *Des mots à la pensée: essai de grammaire de la langue française*. Tomo I. Paris: Éditions d'Artrey, 1911-27.

_____. *Des mots à la pensée: essai de grammaire de la langue française*. Tomo IV. Paris: Éditions d'Artrey, 1911-34.

_____. *Des mots à la pensée: essai de grammaire de la langue française*. Tomo VI. Paris: Éditions d'Artrey, 1911-40.

FREUD, Sigmund. A negativa. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente Vol. III*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

LACAN, Jacques. *Seminário 23: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Seminário 6: O desejo e sua interpretação*. Recife: Traço Freudiano, 2005. (publicação online) Disponível em: <http://www.traco-freudiano.org/tra-lacan/desejo-interpretacao-index.htm>. Acesso em: 30 nov. 2012.

_____. *Seminário 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. *Seminário 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

SANTIAGO, Jésus. Jacques Lacan – a estrutura dos estruturalistas e a sua. In: _____. *Estruturalismo: Memória e repercussões*. Belo Horizonte: UFMG, 1995. p.